

HELENA E O CADÁVER

*O amor só é
Sem tempo*

I

Eu me chamo Ivan Delmanto Franklin de Matos. É importante atentar para a ordem do sobrenome, primeiro vem o Delmanto, já que Helena sempre se esquecia do meu sobrenome, embaralhando a ordem e colocando o Franklin na frente. Aos meus dez anos de idade, apaixonei-me ensandecida e repentinamente por essa colega da escola Projeto, bem mais baixa do que eu mas que estudava na minha classe. O tempo inteiro em que eu estava longe de Helena, sentia necessidade de vê-la, pois, procurando sem cessar representar-me a sua imagem, acabava por não consegui-lo, lembrando apenas do seu sorriso, e sem saber exatamente a que correspondia o meu amor. Depois, ela ainda não me dissera que me amava, mesmo que eu, do meu lado, repetisse esse mantra insistentemente, pelo menos duas vezes ao dia. Muito pelo contrário, com frequência afirmara ter amigos alemães que preferia a mim, que eu era um bom companheiro com quem jogava de bom grado, embora distraído demais, desatento às brincadeiras; enfim, dera-me várias vezes sinais aparentes de frieza que poderiam ter abalado a minha crença de que eu era, para ela, um ser diferente dos outros, se essa crença se originasse de um amor que Helena tivesse por mim e não, como ocorria, do amor que eu lhe tinha, o que aliás a tornava resistente, visto que isso a fazia depender da própria forma como eu era obrigado, por uma necessidade interior, a pensar em Helena. Porém, toda a imensidão dos sentimentos que nutria por ela, eu mesmo ainda não a havia externado. Certo, em todas as páginas do meu caderno eu escrevia indefinidamente o seu nome e seu endereço, mas à vista das vagas linhas que traçava sem que por isso ela pensasse em mim, que a faziam assumir ao meu redor tanto espaço aparente sem que se mesclasse mais à minha vida; eu me sentia desencorajado, pois tais linhas não me falavam de Helena, que nem sequer as via, mas de meu próprio desejo, que elas pareciam mostrar como algo puramente pessoal, irreal, tedioso e impotente. O mais urgente era que nos víssemos, Helena e eu, e que pudéssemos confessar mutuamente o nosso amor, que até então, por assim dizer, não teria começado. Mais tarde, ocorre com alguns que, mais hábeis no cultivo de nossos prazeres, contentamo-nos com aquele sentimento de pensar numa mulher, como eu pensava em Helena, sem nos inquietarmos se essa imagem corresponde à realidade, e também com o sentimento de amá-la, sem ter necessidade de estarmos certos de que ela nos ama; ou ainda, que renunciemos de lhe confessar nossa inclinação por ela, a fim de manter mais viva a imagem que ela tem por nós, imitando esses jardineiros japoneses que, para obter a flor mais bonita, sacrificam-lhe várias outras. Mas, na época em que eu amava Helena, eu ainda acreditava que o Amor existia realmente fora de nós, como um pêssego transparente que sua boca pequena mastigasse nos horários calmos protegidos pelas sombras das árvores.

II

Num daqueles dias de sol, em que não se realizaram as minhas esperanças, não tive coragem de ocultar minha decepção a Helena. “Eu tinha exatamente muitas coisas para te perguntar e contar” – disse. “Achava que este dia contaria muito na nossa amizade. E você logo que chegou já vai embora! Por favor venha amanhã bem cedo, para que enfim eu possa te falar os segredos.” Sua fisionomia resplandeceu e foi pulando de alegria que ela me respondeu: “Amanhã? Espere sentado, meu amiguinho, porque não virei! Tenho um belo de um lanche marcado no Jack and the Box. Depois de amanhã, também não; vou à casa de uma amiga para assistir da janela ao desfile do

7 de setembro no Campo de Marte; será magnífico, e no outro dia vou ao Playcenter e depois estamos perto do Natal e das férias de fim de ano. Talvez me levem para o Sul. Será chique! Embora vá me faltar uma árvore de Natal; em todo caso, se ficar em São Paulo, não voltarei aqui, pois vou ajudar mamãe a preparar nossa viagem à Paris, para o ano que vem. Meu papai é bravo e está me chamando. E trate de dobrar direito a manga dessa sua camisa, seja mais elegante! ” Voltei com minha mãe pelas ruas que ainda estavam ornamentadas de sol, como na noite de uma festa que terminou. Mal me arrastava nas pernas. Eu me repetia, sufocando os soluços, as palavras com que Helena explodira em minha cara a sua alegria de não voltar, por muito tempo, ao parque em que nos encontrávamos para brincar, na Cerro Corá. Quando chegou a hora do correio, disse numa tarde, como em todas as outras: "Vou receber uma carta de Helena, ela enfim dirá que nunca deixou de me amar, e me explicará o motivo misterioso pelo qual foi forçada a ocultar esse amor até hoje. " Todas as noites eu me comprazia em imaginar essa carta; recitava para mim mesmo cada frase dela, ora em verso, ora em prosa. De repente, parava assombrado, compreendia que, se devesse receber uma carta de Helena, em todo caso não deveria ser aquela, pois que fora eu mesmo que acabara de redigi-la. E desde então via-me por desviar o pensamento das palavras que apreciaria se tivesse ela mandado a carta, de medo de pronunciando-as excluir justamente aquelas as mais desejadas do terreno das realizações possíveis. Mesmo se, por uma coincidência, fosse exatamente a carta que eu inventara a que, por seu turno escrevesse Helena, reconhecendo nela a minha palavra eu não teria a impressão de receber alguma coisa que não viesse de mim, alguma coisa real, nova do exterior a meu espírito, independente da minha vontade, verdadeiramente escrita pelo amor.

III

Ao invés de receber a carta de Helena, fui apresentado, naqueles dias do verão de 1990, ao seu mais novo amigo, recém-chegado da França, viagem que tinha empreendido com os pais diplomatas. Edgard - era esse o nome do garoto - era completamente diferente de mim: loiro, de olhos azuis, bonito, bastante rico e dizia "ter feito sexo muitas vezes", o que aos dez anos me assustava, já que tinha medo que ele realizasse esta misteriosa atividade com Helena, ferindo-a, ou trapaceando para vencer ou simplesmente não tratando-a como ela me parecia ser na realidade, como uma bailarina daqueles bolos grandes de aniversário, com uma das pernas com um osso oco por dentro - ela havia tido esse problema no ano anterior, o que a obrigara a andar de muletas e me dera a chance estrelada de carregar suas duas mochilas - mas capaz de dançar abrigada do vento, de modo mais doce do que a própria cobertura de suspiros. Eu não sabia o significado do sexo que Edgar fizera muitas vezes, mas suspeitava que Helena, independente do sentido, não gostaria de exercitar palavras desse tipo comigo, aliás, se comparado a Edgard, ela falava pouco comigo. Edgard, além de tudo, não usava óculos, e mesmo sendo paralisado - usava uma cadeira de rodas motorizada - acertava sempre nas brincadeiras e me venciam nas corridas e nas lutas. Não jogava futebol como eu, mas isso não importava, já que Helena nem mesmo sabia que nas partidas de futebol não se anotam "pontos" mas sim "gols". Helena passava horas a fio conversando com o Edgard, ao vivo ou por telefone, e desde o momento em que ele apareceu, a minha pequena amada deixou-me muito clara a sua escolha: dizia que conhecia o Edgard há mais tempo e que por isso os dois já "tinham mais intimidade". Eu não compreendia que espécie de intimidade era aquela mas percebia, nos espasmos doídos que percorriam o meu coração sempre nu, que eu nunca seria a escolha de Helena. Tal percepção tornou-se tátil quando construíram uma casa na árvore na praça da Cerro Corá. Em determinado dia, como

que por um relâmpago, chegamos ao centro do parque e havia uma pequena casa de madeira construída no alto de uma das árvores. Enquanto eu procurava os meus óculos na bolsa – só os utilizava, na frente de Helena, em caso de última necessidade – Edgard foi ajudado pelo motorista de seu pai e, de alguma forma, rapidamente se postou no alto da árvore e logo já era o soberano da casa de madeira. Enquanto eu girava em círculos na grama, tentando perceber aquele objeto intrigante no alto da árvore, Edgar e o motorista ajudaram-na e Helena subiu rapidamente no topo, entre os galhos e folhas verdes, e os dois recolheram a escada de cordas que era o único acesso à entrada da casinha. Quando tentei subir, sem sucesso e sem escada, o pequeno casal, lá de cima, começou a gargalhar, longamente. Passei aquela tarde e o começo da noite sentado na grama, olhando-os brincar felizes no alto da árvore, sem poder fugir das feras e cobras que pareciam habitar o meu peito, rastejando no chão.

IV

Um desgosto causado por uma pessoa a quem amamos pode ser amargo, mesmo quando está metido no meio de preocupações, ocupações e alegrias que não têm essa pessoa por objeto, e das quais nossa atenção não se desvia, a não ser de vez em quando para voltar a ele. Mas, quando semelhante desgosto nasce, como era o caso deste, num momento em que a felicidade de ver essa pessoa nos ocupa por inteiro, a brusca depressão que então se produz em nossa alma, até ali ensolarada, firme e tranqüila, determina em nós uma tempestade furiosa contra a qual não sabemos se seremos capazes de lutar até o fim. A tempestade que se desencadeava em meu coração era tão violenta que voltei para casa transtornado, mortificado, sentindo que só poderia recobrar fôlego arrepiano caminho, voltando sob qualquer pretexto para junto de Helena. Mas ela diria consigo: "Ele ainda! Decididamente, posso me permitir qualquer coisa, ele voltará todas as vezes, tanto mais dócil quanto mais infeliz sair daqui." Depois, era irresistivelmente arrastado para ela pelo pensamento, e essas orientações alternativas, o desvario da bússola interior, persistiram quando entrei em casa, traduzindo-se nos borrões das centenas de cartas contraditórias que escrevi a Helena.

V

Nunca cheguei a enviar-lhe qualquer carta. Tempos depois, quando voltei ao parque em um dia de chuva e frio de julho, quase um ano depois do casamento de Helena e Edgar na casa da árvore, os dois estenderam-me a escada de corda e eu pude subir, finalmente, ao palácio matrimonial em que Helena havia definitivamente me trocado por outro. Edgar fez questão de me apresentar os cômodos da pequena casa, na verdade dois, e me disse que no primeiro, o menor, eu não poderia entrar, por ser o quarto em que "o casal trepava". Mas Helena me puxou para o cômodo dos fundos, mais amplo, e foi ali que eu conheci a sua exposição. Havia no chão um vestido vermelho, estendido com os braços abertos em cruz. Ao redor do vestido, formando uma espécie delirante de membros, mãos, pés e cabeça, estavam posicionados pedaços de animais mortos: uma cabeça de cachorro, um pássaro negro morto, um gato com a barriga aberta, sem as vísceras, além de vários rótulos de produtos diversos, bem como garrafas e toda espécie de lixo. Fiquei atônito e aturdido com o mau cheiro que vinha dos cadáveres apodrecidos e do lixo, um cheiro doce. Helena me explicou calmamente que aquilo era uma exposição dos seus trabalhos de arte e que aqueles objetos mortos *formavam uma pessoa*: "Quem é esta pessoa que está morta, então?"- consegui gaguejar, intimidado por Edgar, que ajeitava a barra do vestido vermelho milimetricamente. "Sou eu", respondeu-me Helena, com simplicidade alarmante.

VI

Hoje, tanto tempo depois, procuro entender o significado daquela mórbida exposição de arte. Nunca mais vi Helena depois daquele dia. Ou melhor, a vejo todos os dias, nos rostos dos amores que a sucederam, sem apagá-la. O crítico de arte Arthur Danto argumenta, em *Após o fim da arte*, que a arte contemporânea, ao contrário dos modernistas, nada tem contra a arte do passado, nenhum sentimento de que o passado seja algo de que é preciso se libertar e mesmo nenhuma percepção de que tudo seja completamente diferente, como em geral a arte moderna. Seria parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar: “O que não lhes está disponível é o espírito em que a arte foi realizada”.¹

Isso porque a percepção básica do espírito contemporâneo teria sido formada “no princípio de um museu em que toda a arte tem seu devido lugar, onde não há critério *a priori* sobre que aparência esta arte deve ter, e onde não há nenhuma narrativa à qual o conteúdo do museu tenha de se ajustar completamente. Os artistas de hoje não veem os museus como repletos de arte morta, mas como opções artísticas vivas”.² A visão de Danto estaria impregnada de uma concepção do material como meios neutros de expressão disponíveis em liberdade ao artista se ele não mencionasse que o que não está disponível é o “espírito em que a arte foi realizada”. Este espírito são os sedimentos históricos que limitam a liberdade de escolha do artista e restringem a livre utilização do material. Levar em conta que não há mais o “espírito em que a arte foi realizada” é assumir que tal espírito está morto, sem desistir de utilizá-lo, mas tomando-o como *material arruinado e como cadáver*.

Ao mesmo tempo, ao se utilizar insistentemente do lixo, dos cadáveres e das mercadorias descartadas, sem qualquer tratamento “artístico”, Helena nos expunha em sua casa na árvore também o cadáver de um *material* de outra espécie, estritamente relacionado às artes visuais contemporâneas e à performance:

que as obras de arte podem ser imaginadas, ou de fato produzidas, fazendo com que se pareçam exatamente com meras coisas reais, que não têm nenhuma pretensão à condição de arte, justamente porque essa condição impossibilita a definição de obras de arte com base em certas propriedades visuais que elas possam ter.³

A utilização de objetos não trabalhados para serem “arte”, surge assim também como cadáver e ganha, ao mesmo tempo, sentido artístico e não-artístico. Os animais mortos não fazem parte, certamente, do conceito de Danto que, quando menciona o “cadáver”o faz de maneira metafórica. Provavelmente os animais foram mortos por Edgar, manipulado pelos desejos imperiosos de Helena. No entanto, o horror daquele vestido cadavérico ate hoje me faz pensar no papel da arte, nos seus limites, fronteiras, hábitos e regras. Talvez haja nesta livre utilização dos materiais como cadáveres, ou seja, como corpos estranhos a serem ressuscitados, um horizonte para a arte hoje, em que todas as fronteiras parecem ter sido tensionadas, restando-nos o limite entre a vida e a morte dos próprios materiais que formam a expressão artística, na busca de um mundo em que a ruína e a dissolução é a regra. Além disso, quando me lembro dos materiais mortos, penso que havia algo no ser morto de Helena

¹ DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 7.

² Idem, *ibid*.

³ Idem, p. 19.

que me conclamava a sonhar insistentemente em trazê-la de volta à vida. Talvez essa tenha sido a primeira e melhor definição de amor que encontrei e vivi, uma espécie de materialização do mito de Orfeu e Eurídice, que procuro percorrer sem olhar para trás:

Eurídice ia guiada pelas próprias estrofes,
e pelo movimento tecido com Orfeu,
o andar tolhido pelas longas vestes vermelhas semeadas por cadáveres,
Incerto, mas sem timidez, sem pressa mas com dúvida.
Ia dentro de si, como esperança,
e não pensava no homem que ia à frente,
nem no caminho que subia aos vivos.
Ia dentro de si. E o dom da morte
dava-lhe plenitude.
Como o caroço de um fruto em escuridão,
estava plena em sua grande morte,
como se fora uma dança inteira e intensa.
Suas mãos pareciam tão distantes
de enlaçar outro ser que mesmo o toque
levíssimo da lira de Orfeu
a magoava por excessiva intimidade.
Estava solta como os seus cabelos,
liberta como a chuva quando cai,
exposta como farto ramo de flores.
Agora era raiz, somente,
Talvez à espera da segunda morte e da vida do fruto.

VII

Quando descí da casa da árvore após aquela exposição, sabia que iria passar por uma dessas conjunturas difíceis, diante das quais a gente se encontra, geralmente, diversas vezes na vida e que, embora não tenhamos mudado de caráter ou de natureza - nossa natureza que cria, ela mesma, nossos amores e quase as mulheres que amamos, bem como até mesmo os seus erros -, não enfrentamos da mesma maneira a cada vez, ou seja, em todas as idades. Nesses momentos, nossa vida está dividida e como que distribuída numa balança em dois pratos opostos, onde é mantida por inteiro. Em um, existe o nosso desejo de não desagradar, de não parecer humilde demais aos olhos da criatura a quem amamos sem conseguir compreendê-la, mas que achamos mais próprio deixar um pouco de lado para que não cultive o sentimento de se julgar indispensável; no outro, há um sofrimento, não um sofrimento parcial e localizado mas um sofrimento absoluto que, ao contrário, não poderia ser apaziguado senão se, renunciando a agradar a essa mulher e fazê-la crer que podemos passar sem ela, fôssemos ao seu encontro. Se retirarmos do prato onde está o orgulho uma pequena porção de vontade que tivemos a fraqueza de deixar com a idade, e se acrescentarmos ao prato onde está o desgosto um sofrimento físico adquirido e que permitimos que se agravasse, logo, em vez da solução corajosa que teríamos vencido aos dez anos, é a outra, muito pesada e sem base de contrapeso, que nos dobra aos trinta. Tanto na atividade artística quanto no amor, sigo esbarrando em Helena, angustiada, diante de sua face bela ou violenta, ante a possibilidade sempre iminente de dobrar ou quebrar a espinha, hábito que a infância desconhece, retida demais por outros deveres e livre por si mesma.